

Anísio Mello {organizador} • Roberto Mendonça {coorganizador}

HEMETÉRIO CABRINHA

{poeta}

CULTURA



Edições
Governo do Estado



HEMETÉRIO

CABRINHA

Poeta



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

JOSÉ MELO

Governador do Amazonas

HENRIQUE OLIVEIRA

Vice-Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA

Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

Secretárias Executivas

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Diretor do Departamento de Literatura

KARLA COLARES

JAIR JACQMONT

Assessores de Marketing

**Secretaria de
Estado de Cultura**

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1367

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br

culturamazonas.am.gov.br

ANÍSIO MELLO
organizador

ROBERTO MENDONÇA
coorganizador

HEMETÉRIO

CABRINHA

Poeta

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA **ÂNGELO LOPES**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **ANDRÉ MARTINS**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA.**

REVISÃO **SERGIO LUIZ PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA **LUIZ FELIPE | KARLA COLARES**

M539h Melo, Anísio (Org.).

Heméterio Cabrinha: poeta. Anísio Mello (Org.),
Roberto Mendonça (Coorg.). – Manaus: Governo
do Estado do Amazonas - Secretaria de Cultura,
2014.

60p.

ISBN 978-85-65409-56-8

1. Biografia. 2. Heméterio Cabrinha – vida e obra.
3. Literatura I. Título.

CDU: 920
22. Ed.

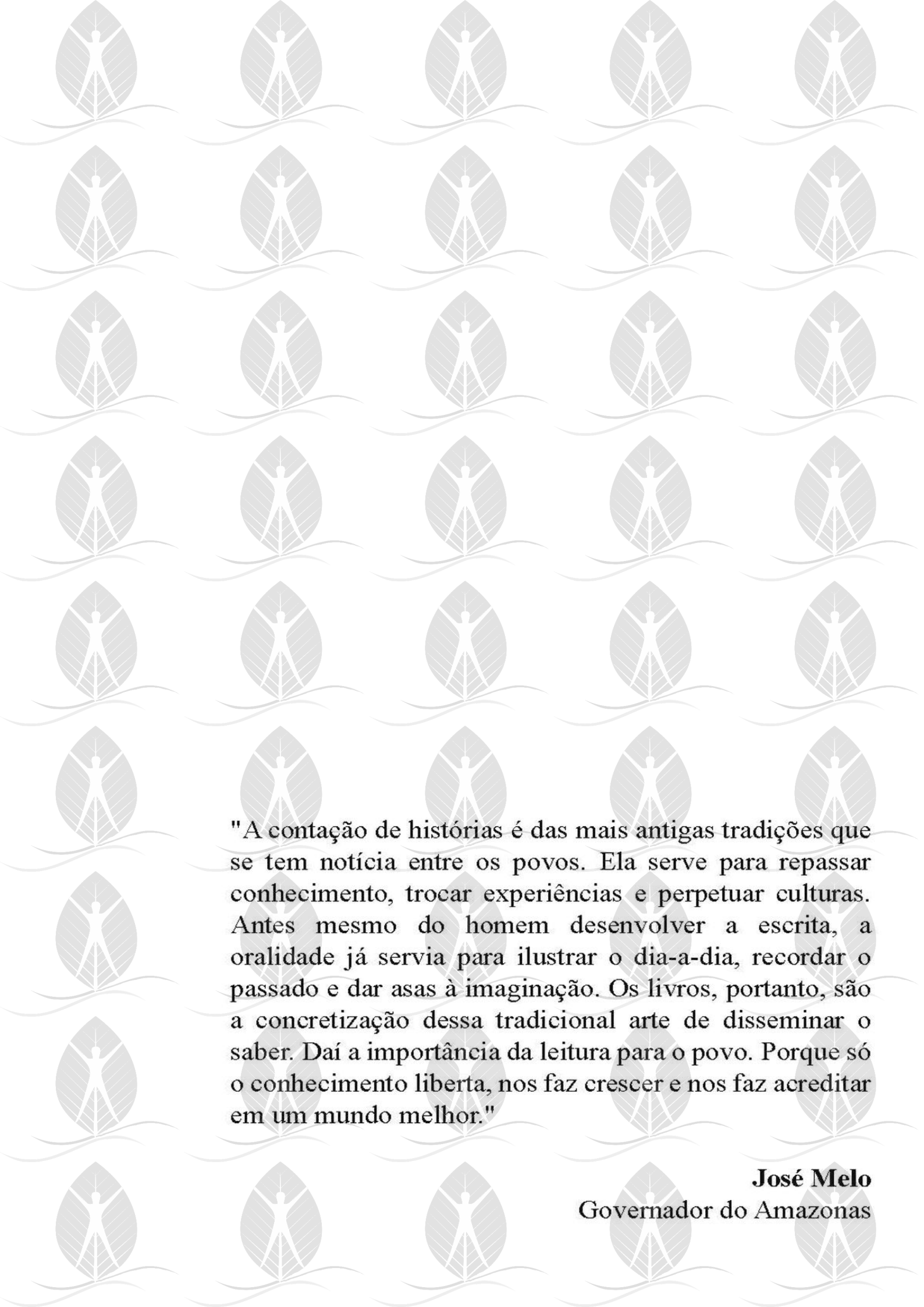
2014

GRÁFICA ZILÓ

Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

WWW.GRAFICAZILO.COM.BR

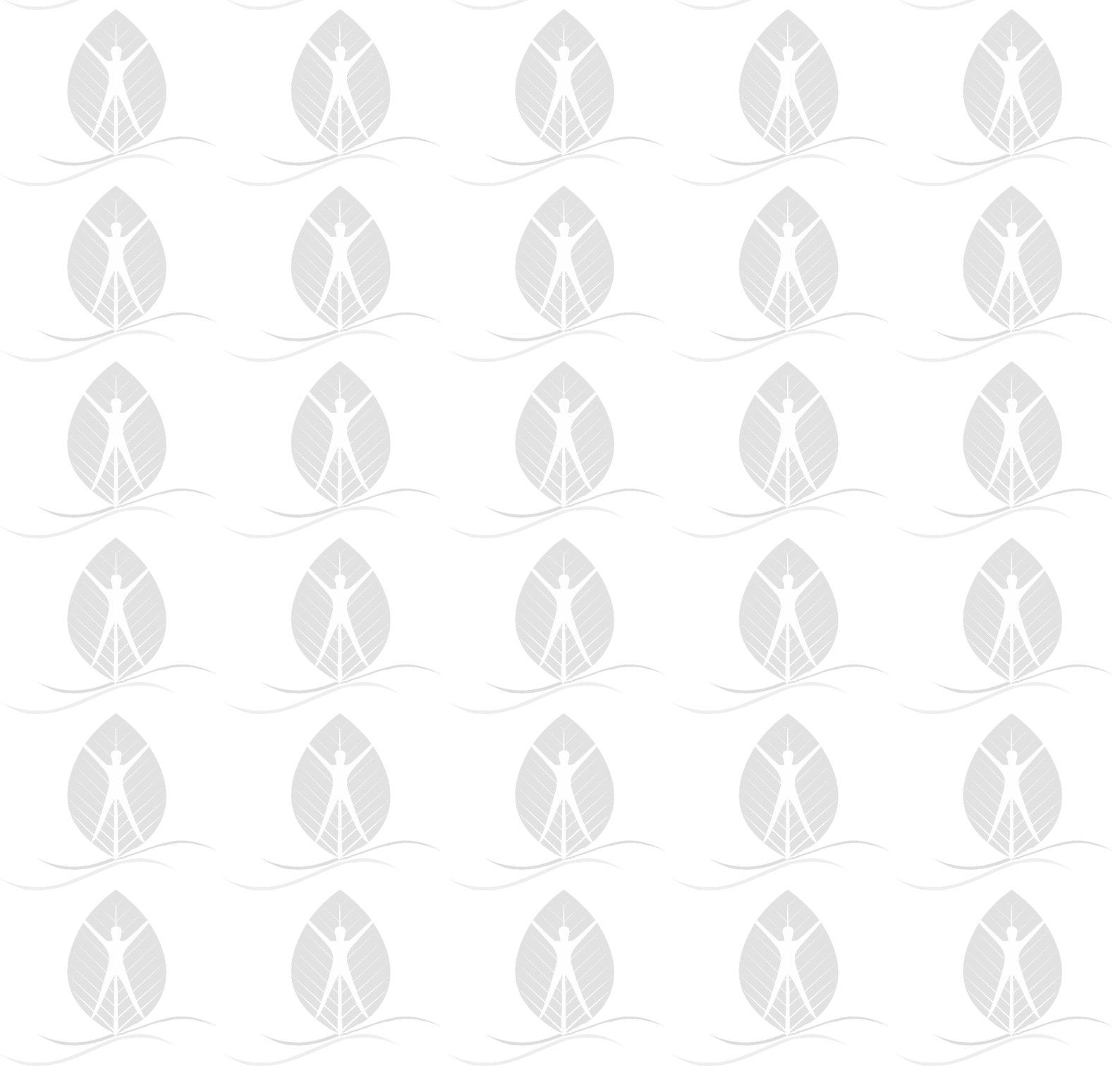


"A contação de histórias é das mais antigas tradições que se tem notícia entre os povos. Ela serve para repassar conhecimento, trocar experiências e perpetuar culturas. Antes mesmo do homem desenvolver a escrita, a oralidade já servia para ilustrar o dia-a-dia, recordar o passado e dar asas à imaginação. Os livros, portanto, são a concretização dessa tradicional arte de disseminar o saber. Daí a importância da leitura para o povo. Porque só o conhecimento liberta, nos faz crescer e nos faz acreditar em um mundo melhor."

José Melo
Governador do Amazonas

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de uso acadêmico deste e-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a) e a Edições Governo do Estado.



The background of the page is a repeating pattern of stylized leaves. Each leaf is light gray and contains a white silhouette of a human figure with arms raised. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines at the bottom of each row suggesting water or a ground surface.

APRESENTAÇÃO

O conhecimento é um caminho de construção coletiva onde cada um contribui com o seu punhado de experiências para juntos seguirmos adiante nesta longa estrada da evolução. Temos o privilégio de crescer em uma região rica culturalmente e fonte pujante de Saber, essencial para a produção cultural, artística e científica. Somente através do conhecimento o amazonense poderá compreender seu ambiente e transformar a sua realidade. Conhecer não é apenas necessário, é vital.

José Melo
Governador do Estado do Amazonas



SUMÁRIO

Apresentação	9
Resgate e reverência	11
HEMETÉRIO CABRINHA – POETA	15
Ensaio	17
Resumo e análise da obra “Frontões” Hemetério Cabrinha (1892-1959)	27
Iconografia	37
Depoimentos	43
Bibliografia	59

APRESENTAÇÃO

Não tenho como desassociar o *Chá do Armando* do multiartista Anísio Mello (1927-2010), que efetivamente organizou este livro. Conheci-o mais amiúde quando esta confraria lítero-cultural-filosófica (de fins *beberativos*), abrigou-se na residência deste, situada na avenida Joaquim Nabuco (em frente à Beneficente Portuguesa). O endereço em si assustava, porém o companheirismo do anfitrião fazia superar as carências, as penúrias do casarão secular.

Rotineiramente servido à noite de sexta-feira, lá pelas tantas, o eflúvio alcoólico consentia aos *chazistas* superar os fantasmas multifaces para, imunes, confraternizar com os anjos e os artistas de vários matizes que por ali deslizavam. De igual modo, semanalmente reviam-se as composições artísticas e melódicas; as histórias de sua família e dos habitantes da floresta; sua produção em prosa e verso; os livros lançados e os “prometidos”; o jornal editado em São Paulo (SP) e o desastre do seringal em Eirunepé (AM), enfim, a pujante saga do *imortal* Anísio Mello que continuamente retemperava os partícipes.

Chazista militante, eu me converti em seguidor emérito do mestre da Escola de Artes Ester Mello (escola fundada por sua mãe, que ele fez funcionar até sua morte). E, por residirmos próximos, foi dessa outra maneira que me tornei *habitué* de seu empoeirado acervo. Empoeirado, mas inestimável! Nada daquilo surpreendia-me, afinal me ufano de ser afortunado em tais ambientes, e naquele também fui inegavelmente bem-sucedido.

A cura da doença que acometeu Anísio Mello, em seus derradeiros momentos, levou-o à hospitalização. De modo lamentável, não houve mais recursos medicinais e, para minha

tristeza, na tarde do domingo, 11 de abril, fui convocado para acompanhar seu corpo. Empenhei-me tanto no velório quanto no sepultamento.

Voltei então ao acervo do extinto. Espanada a poeira, deparei-me com preciosidades, relíquias que o descaso, o infortúnio condenava ao entulho da cidade. Esse é o momento de confessar em público um “salutar” pecado mortal: recolhi do desprezado acervo o quanto pude. Em casa, inventariando o butim, descobri ao menos quatro projetos de livro. Um deles já saiu das sombras: *Convite à poesia*, 2011, inaugurando as *Chá do Armando Edições* e para lembrar o primeiro ano do desaparecimento do seu autor.

O segundo livro encontra-se em suas mãos, prezado leitor, e constitui o tributo do finado Anísio Mello ao antigo vizinho-poeta Hemetério Cabrinha (1892-1959). Não se trata de biografia, mas tão-somente de uma coletânea de textos de terceiros louvando este vate. Projetado para comemorar o centenário de nascimento (março de 1992) deste, Anísio perdeu a passagem do bonde. O livro, apesar dos percalços, chega ao destino 20 anos depois.

O projeto de Anísio Mello estava pronto, inclusive a capa com o desenho do homenageado. A mim, coorganizador (ou organizador menor), coube adequar o texto às recentes regras ortográficas e encartar dois ou três novos depoimentos, um recorte de jornal e algumas fotos. Logo depois, recorrer ao acadêmico Max Carphentier que, assinando o prefácio da obra, sacramentou a homenagem de Anísio Mello ao seu avô-poeta.

Somente por isso, sinto-me indultado pelo delito confesso, e Anísio Mello certamente pode repousar com serenidade ao lado do vizinho-amigo-poeta Hemetério Cabrinha.

Requiescant in pace! (Descansem em paz!)

Roberto Mendonça
coorganizador

RESGATE E REVERÊNCIA

Max Carphentier

Hemetério Cabrinha - Poeta, de Anísio Mello, é livro que representa, simultaneamente, movimento de **resgate** e incenso de **reverência**. Antes de vê-lo publicado, o autor foi capturado pela eternidade, ficando para o destacado pesquisador Roberto Mendonça o trabalho edificante de prepará-lo para edição.

Falamos de resgate: Parece que as obras literárias passam por silêncios reiterados, esquecimentos que são por elas vencidos, de tempos em tempos, por uma espécie de milagre de ressurreições sucessivas. Trazendo-as de novo à claridade, temos aí o toque restaurador dos estudiosos, dos discípulos, dos intérpretes, dos gratos, notadamente destes, porque há sempre gratidão em todo aquele que se empenha no conhecimento e na divulgação da obra que o conquistara. Assim Anísio Mello se comportou diante da poesia e da vida de Hemetério Cabrinha, despertando-as para as novas gerações como inspiração e como exemplo.


Artista plástico, poeta e professor, homem de muitos dons, principalmente alma acolhedora, Anísio abraçou Hemetério como amigo e como mestre, assim na terra como no céu, antes nas tertúlias como agora nestas páginas. E foi tão legítima a identificação humana nesse encontro que resultou para nós em conhecimento para enriquecer e beleza para compartilhar.

Escultor e mestre das tintas, o autor utilizou o método das imagens e das cores para compor o cenário histórico, político e cultural que Hemetério viveu em Manaus. Vemos aí o nor-

destino tangido do deserto para as águas; o intérprete da causa operária transfigurado em líder revolucionário na tribuna libertária. Temos o carpinteiro realizando as formas sonhadas pela potência das madeiras. Contemplamos o poeta cumprindo o sacerdócio dos sonetos, a distribuir, na comunhão para que nascera, o pão da angústia fascinada pela fé. Aprendemos muito diante do orientador dos primeiros ourives do Clube da Madrugada. A partir de lembranças repassadas de ternura, o pintor compôs a fisionomia existencial do poeta: pele morena imigrada esplendendo sob o sol do suor e sob o luar da lágrima. E apresentou-nos seu caráter de enamorado da beleza, lutador da justiça, irmão dos oprimidos. Em tudo presente o estofo abençoado de sua alma: humildade, obediência evangélica, o amor de Deus agindo na misericórdia da tenda kardecista.

Antologista e estudioso da teoria literária, Anísio junta aos seus estudos a análise que a Comissão Editorial da Universidade elaborou para a segunda edição de *Frontões*, a principal obra de Hemetério, demonstrando-lhe a forma esmerada, o eu sofredor, a múltipla temática, a tensão típica da arte autêntica. São estrofes feridas pelo amor e pelo destino, ora levantadas pela fé, ora alquebradas pelo sofrimento. Tudo sob a esperança em Deus e a angústia da existência, antinomias que o poeta teve de fundamente viver como homem e revelar como artista, para tornar-se intérprete da escalada humana, multifária e misteriosa.

Falamos de reverência. Uma admiração que vinha desde os tempos da infância não poderia deixar de reunir os testemunhos laudatórios que Hemetério inspirou aos seus contemporâneos. Temos então páginas emocionadas de apreço à vida e à obra do espírito que veio do nordestino mar l para luzir as brenhas dos rios; do carpinteiro que, na madeira, criava mobílias do transitório, e, no verso, lavrava frontispícios do eterno. A essa liturgia da reverência junto os meus responsos, transcrevendo trecho do meu discurso de posse na Academia



Amazonense de Letras: “Venho de Hemetério Cabrinha, meu avô. Venho do Poeta que conseguiu o supremo ideal do artista: assumiu no verso como na vida a plenitude de suas mais elevadas convicções. O amor cristão, que ele disseminava com seus poemas, com seus discursos em defesa dos fracos e dos humildes, ele também o vivia no cotidiano de sua existência, plaiando a madeira, na profissão de Jesus, distribuindo consolo para todos em sua tenda espírita sustentada pela Caridade. Eu, no dia em que for na vida o homem que pretendo ser no verso, terei conhecido a glória jamais conspurcável de Hemetério Cabrinha! Sim, Senhores, venho de um Poeta.”

Se eu considerar apenas minhas lembranças, convivi com Hemetério quase nada. Uma foto, talvez a única que tiramos, mostra-nos em Belém, e no seu verso ele escreveu palavras ternas, típicas de avô. Na última vez que o vi já estava consumido pela doença que o levaria. Estava eu por volta dos catorze anos. Nunca conversamos sobre literatura, embora seus versos estivessem sempre à minha cabeceira. Depois de crescido, distraí-me com meu próprio destino e com meus muitos sonhos, não me dediquei, como devia, a proclamar-lhe a vida e a obra. Agora Anísio Mello corrige o silêncio, convida-nos a reviver Hemetério Cabrinha, realizando com zelo o que eu não fiz por descuido. Agora a minha gratidão se desdobra em duplo abraço: Grato, Anísio! Grato, Coronel Roberto!



HEMETÉRIO

CABRINHA

Poeta

ENSAIO

No Conselho Administrativo do Estado, encontrando-me ao lado de Hemetério Cabrinha, vi quando Getúlio Vargas lhe passou às mãos, em deferência toda especial, uma taça de champanhe.

João Nogueira da Mata,
da Academia Amazonense de Letras

Nasceu em Fortaleza (CE),
em 3 de março de 1892

Morreu em Manaus (AM),
em 12 de fevereiro de 1959.

Hemetério Cabrinha chegou a Manaus em 1916, vindo de Fortaleza (CE), sua cidade natal, com 24 anos. Fascinava-o a ideia de trabalhar na terra tão admirada pelos cearenses, com quem os amazonenses dividiam fraternalmente a gleba e ofereciam o campo. Na cidade de origem, deixou rastros luminosos de sua inteligência e cultura, dirigindo a revista *A Constelação*, da qual era, ao mesmo tempo, proprietário, diretor e colunista.

No Ceará, não editou obras. Consagrou-se como poeta, no Amazonas, com a publicação de seus livros: *O meu sertão* (1920); *Satã* (1922); *Caim* (1934); *O Cristo do Corcovado* (1952); *Vereda iluminada* (1933) e *Frontões* (1958), seu último livro. Além de poesias avulsas estampadas na imprensa de Manaus (AM), Fortaleza (CE), Belém (PA) e São Paulo (SP), onde pontilhou com algumas publicações.

Como se não bastasse, Cabrinha, excelente poeta, tornou-se conhecido pela eloquência dos seus inflamados discursos, quando participava do movimento revolucionário de 1924, erguendo a voz grave e sonora, interpretando o pensamento da grande maioria da população encantada pelas ideias dos seus companheiros.

Aquela altura dos acontecimentos políticos, Cabrinha já era um líder, que apoiava as ideias políticas de Ribeiro Júnior, Alberto Dubois e Magalhães Barata, seguindo com a mesma eloquência, pelos conhecidos oradores da época: Pereirinha, ou seja, Francisco Pereira da Silva (um dos criadores da Zona Franca de Manaus), Crisanto Jobim, Coriolano Durand e Chagas Aguiar. Embora considerados oradores de grande fluência, sobressaía a figura do poeta-operário: cafuzo, magro, dolicocefalo, de cabeleira em desalinho e gestos largos e corajosos, “de camisa aberta ao peito, sapatos de lona e braços nus, falando na linguagem dos bairros distantes, em cujos tugúrios a miséria fizera vítimas às centenas, durante o período da opressão”.

O poeta-democrata viu derrotada a causa que abraçara com a chegada do general João de Deus Mena Barreto, comandante do Destacamento do Norte, que sufocou a insurreição, levando seus líderes às prisões do quartel da Praça da Polícia e de Paricatuba, o lazareto transformado em cárcere.

Seis anos depois, volta Hemetério Cabrinha às praças, abraçando a causa de Getúlio Vargas, através da Aliança Liberal.

Ainda marcado pelo estigma revolucionário de 1924, dessa vez empunhou uma bandeira vitoriosa. Ainda assim, manteve em sua casa a bancada do marceneiro sensível às reivindicações populares, o excelso poeta de *Vereda iluminada*.

A revolução de Getúlio Vargas esqueceu o grande orador, aquele que arrancava aplausos e fazia vibrar a massa popular, com seus gestos largos e sua palavra fácil. Não havendo alternativa – e pela sua extrema humildade –, nada pleiteou, retornando aos seus afazeres de operário, com a cabeça cheia de

imagens poéticas, para conviver com a pobreza, que o acompanharia até seus últimos dias.

Lembro-me ainda, eu adolescente, admirador profundo de Hemetério Cabrinha, de quem conhecia os poemas *Vereda iluminada* e *Satã*, pertencentes à biblioteca de meu pai, quando ele subiu ao palanque da praça General Osório para saudar o presidente Getúlio Vargas, que visitava o Amazonas, em 1940. Mais uma vez, o brilho da oratória de Cabrinha se fez notar de maneira empolgante. Era o Amazonas e o Rio Grande do Sul que se uniam pela voz vibrante do magnífico poeta e orador. A praça lotada, o povo comprimia-se para receber o presidente, mas só a voz de Hemetério Cabrinha ribombava em eco nos ouvidos da multidão atenta, que não regateava aplausos.

Sua presença também foi marcante por ocasião da visita do presidente de Portugal, Craveiro Lopes, que não conteve lágrimas de emoção, ao ouvir o poeta e orador, segundo testemunha o escritor João Nogueira da Mata.

— o —

Como poeta, Hemetério Cabrinha tornou-se conhecido através de seus livros e de publicações em Manaus, Belém, Rio de Janeiro e São Paulo. Seus poemas foram publicados em jornais e revistas das capitais do Amazonas e do Pará, e em *O Malho* e *Correio do Norte*, do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.

Sobre ele escreveram vários jornalistas, entre os quais, Aristófano Antony, João Nogueira da Mata, José dos Santos Lins e Carlos Rocque, e teve seus versos incluídos em algumas antologias, como *Lira amazônica*, editada pelo signatário deste ensaio, em São Paulo.

Amigo dos jovens, o poeta participava ativamente de reuniões literárias e dava sugestões sobre nomes de futuras entidades culturais, que mais tarde se firmaram na cultura

amazonense, nos primórdios do *Clube da Madrugada* e da SAEL (Sociedade Amazonense de Estudos Literários), que sugeriu fosse *Padaria Espiritual*, talvez por ser espiritualista, ou mesmo, por já ter participado de uma entidade cultural de nome semelhante, nos tempos de sua juventude, em Fortaleza.

Embora sempre ocupado com vários encargos, Hemetério Cabrinha ainda encontrava tempo para participar de diversas atividades culturais na cidade. Sua poesia era publicada em órgãos da imprensa amazonense, onde Cabrinha encontrou muitos versos “perdidos”, conforme me confessou certo dia, em sua casa-oficina da rua Mundurucus, e onde nos encontrávamos frequentemente.

Fomos amigos durante muitos anos. Tive o privilégio de recebê-lo em minha casa na rua Dr. Moreira, 239, hoje demolida para dar lugar a um estacionamento, onde, no porão, reuniam-se os jovens poetas daquela época, Alencar e Silva, Jorge Tufic, Guimarães de Paula, Farias de Carvalho, Antônio Ventilari Corrêa, Ernesto Penafort e Antístenes Pinto, entre outros.

Mesmo que Cabrinha tenha tido guarida em todos os jornais de Manaus, foi em *A Tarde*, de Aristófano Antony, seu amigo de “muitos anos”, que editou vários dos seus poemas. Mesmo sendo poeta e prosador, autor de alguns livros inéditos, ensaios e romances, pouco se tem notícia da sua prosa em jornais amazonenses.

Sempre ligado aos jovens, o poeta jamais deixou de dar sua colaboração e o seu incentivo a quem o procurasse. Exemplo disto é o caso de Aristófano Antony, que privou da sua convivência durante muitos anos, e que em depoimento escrito no seu livro *Sombras e reflexos*, assevera:

Ligaram-me à humildade quase plebeia do grande aedo, laços da mais profunda estima e que se fortificaram em mais de três decênios vertiginosos. Assistiu aos meus primeiros passos no caminho do jornalismo e acompanhou parte da minha afanosa trajetória de homem de imprensa. Na adolescên-

cia, quando tentei, com evidente frustração, meus primeiros versos, foi ele quem me guiou, pacientemente, aconselhando-me diretrizes e corrigindo-me as estrofes trôpegas e, às vezes, retardadas.

Mais adiante, continua o jornalista e acadêmico, com palavras revestidas de muita segurança e modéstia:

Numa época em que pouco mais de uma dúzia de moços boêmios fazia da literatura, nas caladas das noites, depois dos plantões redacionais, motivo para tertúlias do espírito, Hemetério Cabrinha já era, entre nós, um nome merecidamente admirado. É que o tínhamos, pela inteligência e pelo sentido estético, na primeira plana da nossa preferência de moços, que se entusiasmavam com o romântico e o lírico.

Muito antes do surgimento do *Clube da Madrugada*, em 22 de novembro de 1954, Cabrinha já conhecia praticamente quase todos os futuros integrantes da agremiação, pois os jovens poetas de então, que integravam os grêmios literários, tinham seus ídolos regionais. Uma trindade lírica formada pelos grandes poetas: Hemetério Cabrinha, Américo Antony e Álvaro Maia. Destes, somente os dois primeiros estavam sempre presente, acompanhando-nos, frequentando os encontros literários e as tertúlias, pois Álvaro Maia, grande poeta, estava envolvido com política, já tendo sido interventor e governador do Estado e, por fim, senador da República.

Manaus, na década de 1950, contava com quase uma dezena de grêmios literários. Entre os quais, o Castro Alves, o Marciano Armond, o Alvares Azevedo, o Plácido Serrano, o Gonçalves Dias, a SAEL (Sociedade Amazonense de Estudos Literários) e a SAIE (Sociedade Amazonense de Imprensa Estudantil), entre outros. Esses grêmios, aos poucos, foram desaparecendo, absorvidos pelo movimento que daria origem ao *Clube da Madrugada*.

Entre os poetas “maranhenses”, aparece Hemetério dos Santos, com o soneto *Carmes*, ao lado de Catulo da Paixão Cearense, Gonçalves Dias, Raimundo Corrêa, Coelho Neto, Maranhão Sobrinho, Nunes Pereira (o sociólogo?) e outros nomes conhecidos nacionalmente. A fim de esclarecer, sabemos que Hemetério José dos Santos, nome de registro do poeta, foi preterido pelo titular, que adotou literariamente, Hemetério Cabrinha. Seria aquele soneto, incluído no livro *Sonetos maranhenses*, do poeta de “Vereda iluminada”? Ou simples coincidência por homonímia? A temática é reveladora, mas a pesquisa deve continuar. Caso afirmativo, este seria seu primeiro soneto incluído numa antologia:

CARMES

Para galgar a estrada tortuosa
Que vem do berço ao fim da vida breve,
Eu sinto que me falta a cor de neve
Da rósea tua face cetinosa.

O destino inclemente, por nodosa
Áspera linha a vida me descreve;
Mas tu só, branco amor, tu podes, leve
Tornar-me a falsa culpa deleitosa.

Depois de tanto sofrimento duro,
E dos vaivéns de um pélagos de abrolhos
Pela falha luz do rosto escuro,

Dos bons e maus, eu, lastimado ser,
Volve-me tu, divina, os pios olhos,
E acompanha-me neste atroz viver.

Sonetos Maranhenses (Antologia, 1922)

A poesia de Hemetério Cabrinha é marcada pela amargura de uma fatalidade que o acompanharia até seus últimos dias. Nascido em berço humilde, teve a humildade e a pobreza como estigmas, e dou meu testemunho, pois, por duas vezes residi próximo de sua casa. A primeira, à rua Comendador Alexandre Amorim, com nossos quintais divididos por frágil cerca de madeira, quando eu, menino, furava a cerca para vê-lo perdido no meio de papéis e livros, e ouvir suas poesias. A admiração que o garoto nutria era uma herança paterna, a qual se confirmaria anos depois. Meu pai, o escritor e poeta Octaviano Mello, o admirava muito.

A segunda vez é quando eu e meus amigos poetas (Alencar e Silva, Guimarães de Paula, Jorge Tufic, Farias de Carvalho, Antônio Ventilari Corrêa e Luiz Bacellar) frequentávamos sua modesta casa à rua Mundurucus, ambas em Manaus. Àquela altura, esses poetas e outros mais, tinham encontro marcado no casarão da rua Dr. Moreira, 239, onde não faltavam nem motes nem glosas dos seus frequentadores.

Era o “porão dos poetas”, como ficou conhecido. Eram todos jovens, sonhadores, mas atentos aos mestres: Hemetério Cabrinha e Américo Antony, que também o frequentavam.

No soneto *Broquel*, alexandrino de rara beleza, vemos a majestade poética de Cabrinha, com versos fortes de sentimento, tangidos de inspiração e musicalidade:

Ergo aos céus minha dor, bendizendo a quimera
De ser forte de mais em meu destino avesso.
Se a existência me dói, canto e, a cantar, esqueço
A aflição passional que nos fracos impera.

De que serve chorar? ser frágil como o gesso
E ter, dentro, enjaulado, um coração de fera?
Quem bendiz o sofrer uma alegria espera...
Eis porque minha angústia aos outros ofereço.

Gargalho, canto, rio... à dor me não inclino...
Tecendo madrigais ao fero sofrimento,
Sinto que sou feliz dentro do meu destino.

Sou forte! Na ilusão de ser forte me expando,
Bendizando a esperança, o riso, o sentimento
De quem nasce a chorar para viver cantando.

(in “Vereda iluminada”, Manaus, 1933).

O contexto imagético dos versos de Hemetério Cabrinha é rico e varia de tema numa gama multiforme sentimental. Às vezes, o lírico-amoroso aflora ao lado do panteísta ou do simbolista, como afirmação do seu ecletismo. São versos fortes, cheios de verdades filosóficas, que nos conduzem à realidade da vida no seu páramo, entre aclives e abismos.

Quando tu falas, penso, delirando,
Que os anjos do Senhor estão cantando
Nos lábios da mais linda das mulheres.

Em *Anima mea*, o poeta traz lampejos de garimpo, que afloram, ao mesmo tempo, como um canto de alegria e uma revelação de profunda tristeza. Fala da solidão quase autobiográfica de quem ama a vida, sentindo a dor dos que sofrem, a qual ele canta em muitos dos seus versos:

Minha alma é como um templo solitário;
É como aquela catedral vazia,
Ocultando antiquíssimo sacrário
Na exaltação de funda nostalgia.

.....
Há nos seus dobres trêmulos, doentios
Restos de sons de uma aleluia triste.

Hemetério Cabrinha exercitou-se em quase todos os metros poéticos, desde o alexandrino exato e perfeito ao decassílabo dos nossos líricos. Viveu momentos de poesia intensa e sentida, e transpunha para a poesia o dia-a-dia da vida, a alegria e o sofrimento, como o Ícaro sem asas de cera, confiando no seu próprio talento como um soberano do Olimpo. Nele não havia meias-medidas, seus gestos e suas palavras eram precisos. Sua voz era um cristal ecoando distante, pelos humildes, pelos humilhados, pelos infelizes.

O gênio criador de Cabrinha fê-lo sentir em certos momentos, a necessidade de introduzir novos termos em nosso idioma, como contribuição oportuna e valiosa. Vejamos, pois, as palavras em grifo, de alguns dos seus versos:

SONETO ÚLTIMO DESESPERO: DE FERA,
“Na atitude feral de uma visão furiosa”;
escalando, subindo,
“Socalcando num ai seus últimos segredos”.

SONETO O SOLIMÕES:

formidável e caudaloso,

“Soberbo, colossal, formidaloso, insano.”; em turbilhão,

“Ora turbilhonando em ásperos arrancos...”;

enlodoado, com lodo,

“Um rude batalhão de enlodoados troncos”;

com som de bordão,

“Bordonando ao ciciar das auras brasileiras”;

POEMA PÁTRIA:

espumejante,

“Espumarenta e cruel sem destino e sem calma”; nesgas,
frestas,

“Uns rastilhos de luz em nossos olhos baços”;

em “ss” (esses), sinuoso,

“É o Amazonas brutal essicolando, ancioso,”;

POEMETO “SATA”:

cair tonto, aos emboléus,

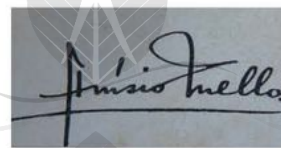
“Gavrocha, salta, ri, tontiboleia, freme”,

e remorder-se repetidamente,

“Blasfema, ruge, grita, e se remorde todo!”,

e mais “rouxinolacão, laranjeirados, corruxiando, leopar-
da-se, carnalíza” etc.

Assim era Hemetério Cabrinha, o poeta de “Vereda iluminada”, sensível às desgraças do mundo em que viveu, lutando pelos infelizes, ao lado dos quais, desfraldou uma bandeira, que empunhou sempre com amor, cantando em prosa e verso, na poesia que deixou para a posteridade.



RESUMO E ANÁLISE DA OBRA “FRONTÕES” HEMETÉRIO CABRINHA (1892-1959)

INFORMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA ¹

Hemetério Cabrinha (seu verdadeiro nome é Hemetério José dos Santos) nasceu na capital do Ceará e veio para Manaus em 1916, aos vinte e quatro anos. O sobrenome Cabrinha se deve a um apelido de infância que o poeta resolveu conservar. Escritor ativo, ajudou a fundar um grêmio literário chamado *Academia dos Novos*, cujo nome demonstra aquela inquietação do período que iria resultar na fundação, em 1954, do *Clube da Madrugada*. Seu último livro, *Frontões*, foi publicado em 1958. Um ano depois morria o poeta em Manaus.

Obras:

O meu sertão. Manaus: Palais Royal, 1920.

Satã. Manaus: Palais Royal, 1922

Vereda iluminada. Manaus: Imprensa Pública, 1932.

Caim. Manaus, s. n., 1934.

Frontões. Manaus: Sérgio Cardoso, 1958.

¹ Elaborados pela Comissão Editorial da Universidade Federal do Amazonas, constante da 2.ed. revista, 1997.

CONTEXTO

O chamado Ciclo da Borracha é o período da história do Amazonas que abrange, mais ou menos, as duas últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX. São cerca de trinta anos em que o Estado se transforma radical e violentamente. A exportação da borracha passou de 997 toneladas, entre 1858 e 1862, para mais de 44.000 toneladas apenas no ano de 1911. Em 1910, a borracha atingiu seu preço máximo no mercado internacional, trazendo para Manaus a vida fácil de riqueza e luxo repentinos. Quatro anos mais tarde a bancarrota e a falência já se estampavam sem retoques em toda a cidade, agora reduzida à condição de província. A cidadezinha com casas de palha que, de um instante para outro, se viu transformada numa cópia tropical das capitais europeias, agora era obrigada a sobreviver apenas com os restos do banquete.

Nem sempre se salienta o fato de que o período de esplendor econômico foi também marcado por acidentes políticos, algumas vezes bastante sangrentos. Golpes e traições, tomadas de poder, bombardeio nas ruas, saques aos cofres públicos, tudo isso, enfim, compôs um capítulo VIVO e movimentado da história do Amazonas. Em outubro de 1910, tropas federais bombardearam e invadiram Manaus e, forjando documentos, depuseram o governador Antônio Bittencourt.

Em 1913, ocorreu uma rebelião na Polícia Militar. Os revoltosos dominaram o quartel e saíram pelas ruas espalhando pânico, destruindo prédios e empastelando jornais. O governador que veio a seguir, Pedro de Alcântara Bacelar, enfrentou outra revolta no dia mesmo de sua posse em 1917.

Com a queda do preço da borracha, a situação econômica do Estado era deplorável. Os funcionários públicos, sem receber por vários meses, eram obrigados a vender seus salários por valor bem mais baixo aos amigos dos governantes que, logo a seguir, conseguiam liberar a quantia exata. Foi nesse clima

que ocorreu a chamada Revolução de 1924, quando o tenente Ribeiro Júnior liderou a tomada do poder e o confisco de bens e contas bancárias. A “revolução” não durou dois meses sequer.

O epílogo do período, provocado pela queda do preço da borracha no mercado internacional e pela oferta desmedidamente mais barata do látex produzido racionalizadamente na Malásia, constitui-se num dramalhão burguês com suicídios e lances melodramáticos daquela elite bruta, composta por coronéis de barranco e filhos educados na Europa, incapazes de dar resposta aos problemas da região.

SONHO E PESADELO

O Estado do Amazonas arrastou-se em crises políticas e econômicas até meados da década de 1940, quando eclodiu a II Guerra Mundial. Com a impossibilidade de trazer a borracha da Ásia, os Estados Unidos tentaram fazer retornar a produção da *hevea brasiliensis* no Amazonas. Foi nesse período que muitos nordestinos se dirigiram ao nosso Estado, formando os Exércitos da Borracha. Mas o que havia sido sonho no século passado logo se transformou em pesadelo e retornou o caos econômico.

Hemetério Cabrinha foi mais um dos nordestinos que para cá vieram certamente com grandes esperanças. Como tantos outros, ele viveu os últimos dias do esplendor e a ilusão de um novo período de fastígio.

A OBRA

Frontões foi o último trabalho publicado por Hemetério Cabrinha. O poeta estava com 66 anos e parece que tentou reunir no livro o que julgava ser o melhor de sua obra. Por isso, agregou aos novos poemas três publicações anteriores, *Satã*, *Caim* e *O Cristo do Corcovado*. Já aqui se manifesta o caráter hí-

brido de *Frontões*. Esse caráter poderá ser percebido em outras de seus aspectos, como veremos.

Abre-se o livro com um Proêmio, em que o poeta descreve sua arte. A ideia central é a de que os poemas podem ser falhos na forma e não atingirem o nível das obras-primas, mas são autênticos porque nasceram dos sofrimentos verdadeiros do poeta. Neles os sentimentos teriam o poder de suavizar a dor existencial que se manifesta em quase toda a obra:

Se meus versos não têm o esplendor da obra-prima,
A pureza da forma e a nobreza da rima...
Se lhes falta fulgor;
Há neles, entretanto, agudos sentimentos
Suavizando o clamor dos grandes sofrimentos
Urdidos pela dor.

O próprio título revela sua vocação ornamentalista: *frontões* são peças de madeira, ferro ou mármore que adornam o alto das janelas e das portas. Assim, os poemas seriam “enfeites”, grandiosos, mas apenas enfeites. Esse é o rastro parnasiano de Hemitério Cabrinha. Sabemos que o parnasianismo estava profundamente imbricado com a arquitetura, de onde retira o modelo de seus versos e poemas. Mas Hemitério Cabrinha não é um simples parnasiano. Embora lhe dê prazer o ornamentalismo da arquitetura, ele não é impassível (avesso à dor e à paixão, como os autênticos amantes do Parnaso), bem ao contrário, apresenta-se crispado, sofrendo tragicamente, com o mundo, às vezes, com o amor e, outras vezes, com as injustiças.

O GÊNERO

O livro inscreve-se no gênero lírico, uma vez que grande parte de seus poemas são meditações e/ou expressões de um

“eu lírico” diante de um mundo que o perturba profundamente - observe-se a predominância do soneto (poema composto por dois quartetos e dois tercetos), muitas vezes sob a forma de alexandrinos (versos com doze sílabas métricas).

Entretanto, contrabalançando a predominância lírica, ocorrem poemas seminarrativos que se aproximam do gênero épico. Esse é o caso dos já citados *Satã*, *Caim* e *O Cristo do Corcovado*, longos poemas que fecham o livro e são precedidos por *Visões*, também seminarrativo e longo. O poeta buscou fazer como que uma passagem entre o novo livro, *Frontões*, e aqueles que já haviam sido publicados algum tempo antes.

Temas: Basicamente, o livro trabalha com 6 temas:

a) o **inconformismo** do poeta diante da incompreensão dos homens que o rodeiam, como nos exemplos abaixo:

O mundo me foi sempre avesso, duro, escasso:

Eu vivo como que entre tenazes de aço,
Sem direito a gemer nem desferir um grito.
O que me apraz, porém, anima-me, consola,
É ter esta amplidão azúlea por gaiola

E poder contemplar os astros no infinito.

(Resignação)

Quanto tenho sofrido ultimamente!
Como este mundo me tem sido avesso!
Mas assim é demais! Ter sempre à frente
Escabroso Calvário onde tropeço,
Abrindo na alma uma cratera ardente!

(Angústia)

Por mais que busque ser um bom, propalam
Ser eu entre os demais torpe vivente.

Por onde passo todos me assinalam
Como um batráquio vil e repelente.
(Aos que me julgam)

Além de sua incompatibilidade com os demais, o próprio mundo se torna inimigo do poeta. No poema “Por enquanto, não”, esse mundo aparece como um *terrível lupanar imundo*.

b) **kardecismo**: a concepção kardecista do escritor se revela frequentemente em muitos poemas. Às vezes, essa “filosofia” transforma-se em anticatolicismo, como em *Fiat lux* e *O Cristo do Corcovado*, outras, numa acirrada luta do Bem contra o Mal, como no poema longo *Satã*.

No soneto *Em busca da perfeição*, ele tematiza a ideia de transmigração e aperfeiçoamento das almas (note que o verbo “reparar”, no verso 9, significa pagar, consertar, expiar os pecados):

A alma que busca exílio nas clausuras
Emotivas da vida transitória,
Traz em sua odisséia, em sua história
As consequências das ações impuras.
Absorvida nas dores, nas torturas,
Nos desesperos de uma luta inglória;
Percorre amargurada trajetória
Em sucessivas existências duras.
Reparando a fraqueza de seus atos,
Como cego levados pelos tatos,
Busca na treva a meta desejada.
Até que um dia, em vestes vaporosas,
Abre no espaço as asas luminosas
E conquista a Mansão Iluminada.

c) a **lírica amorosa**: em que a relação aparece de duas maneiras, como realização ou como frustração, sem predomínio

de uma sobre a outra. Leiam-se os poemas *Enganos* e *Idílio*, dois exemplos.

d) a **crítica social** a Castro Alves: muitas vezes a crítica social de Hemeitério Cabrinha se expressa em poemas de temáticas diversas, mas há alguns que são especificamente sociais. É o caso de *Preto velho* e de *Itatiaia*, este último, ainda que um tanto anacrônico, talvez seja o que melhor ele pôde produzir. Há nesse grupo bons instantes e até mesmo o nacionalismo e a denúncia contra o colonialismo ainda hoje encontram seguidores:

Quantos arranha-céus e os campos deslavrados!
Quanta gente faminta e quanta terra inculta
Aos nossos olhos cresce e, esplêndida, se avulta,

Naquela outra porção de terras negras, feias;
Naquele ponto estão as minas de Candeias.
Ali jorra o petróleo, - o sangue brasileiro
Que estão a oferecer de esmola ao estrangeiro ...
Esmola que será, em nossa compreensão,
A nossa decadência, a nossa servidão.
E agora vou mostrar-te uma terra sem dono;
Um solo tão fecundo
Que hoje devia ser o celeiro do mundo ...
... A Amazônia ...

A lendária e soberba Amazônia
Coberta de labéus, de injúria, de felonias
Onde vive a gemer na selva abrutalhada
Uma gente infeliz, exausta, atormentada
Pelo desprezo atroz e angústia impenitente
Que os lobos da Nação lhe votam rudemente.
Arrancando-lhe mais: O esforço que a consome.
Para empapar de gozo outras terras sem nome ...

e) o **regionalismo**: vários poemas de *Frontões* são dedicados a cantar a Amazônia, seja em sua pobreza econômica (observe-se a relação desses textos com o contexto histórico), seja na beleza natural, seja na relação entre a vida do homem e os elementos da floresta. Representativos são os poemas *O Amazonas*, *Canção do amazônida*, *Boiúna* e *A pororoca*.

f) uma **tendência de filosofia**: no poema *O grilo* o poeta cria uma espécie de fábula em que o comportamento dos animais se torna exemplo para a vida humana. Leiamos outro, *A aranha*:

Eu tenho uma fidalga e loira companheira
Que, sempre a meditar, de vê-la não me farto.
É uma triste e sozinha aranha tecedeira,
Dia e noite a tecer labirintos no quarto.

Ora desce, ora sobe até a cumeeira;
Ora balouça no ar em seu trabalho infarto.
E, de fios de prata, a aranha fiandeira
Uma estrela bordou no ângulo do quarto.

Hoje, pela manhã, outra aranha dourada,
Num idílio de amor, de gozos saciada,
Lá morreu e ficou na teia cetinosa...
Assim mesmo acontece a todos nós, querida:
- Quem somente se entrega aos prazeres da vida,
Terá o mesmo fim da aranha desditosa.

ESTILO

Frontões oscila entre três estilos: o Romantismo social de Castro Alves, o Parnasianismo de Olavo Bilac e um Simbolismo enlanguescido que reponta aqui e ali ocasionalmente. Longe de se tratar de uma exceção, essa flutuação estilística de Cabrinha pode ser atribuída a quase todos os poetas que es-

creveram entre o ciclo da borracha e a metade inicial de nosso século.

É fácil notar ainda em seu estilo uma influência de Augusto dos Anjos, influência nem sempre utilizada com o mesmo talento do poeta paraibano que não tinha, como Hemetério Cabrinha, uma visão religiosa da existência. As marcas de Augusto dos Anjos aqui aparecem mais num vocabulário meio científico e meio antipoético, como em “óvulo miseríssimo”, “embriogenia”, “podridão dos úteros inchados”, “a expansão genésica do sexo”, entre muitos outros exemplos que podem ser selecionados.


HIBRIDISMO

Como vimos, *Frontões* é um livro híbrido em vários aspectos. No gênero, vai do lirismo ao narrativo; no estilo, oscila entre Romantismo condoreiro, Parnasianismo e Simbolismo, esse último em menor grau. Nos temas, trata de experiências românticas, de revelações filosóficas, da realidade amazônica, da revolta humana e da concepção espiritualista da existência.

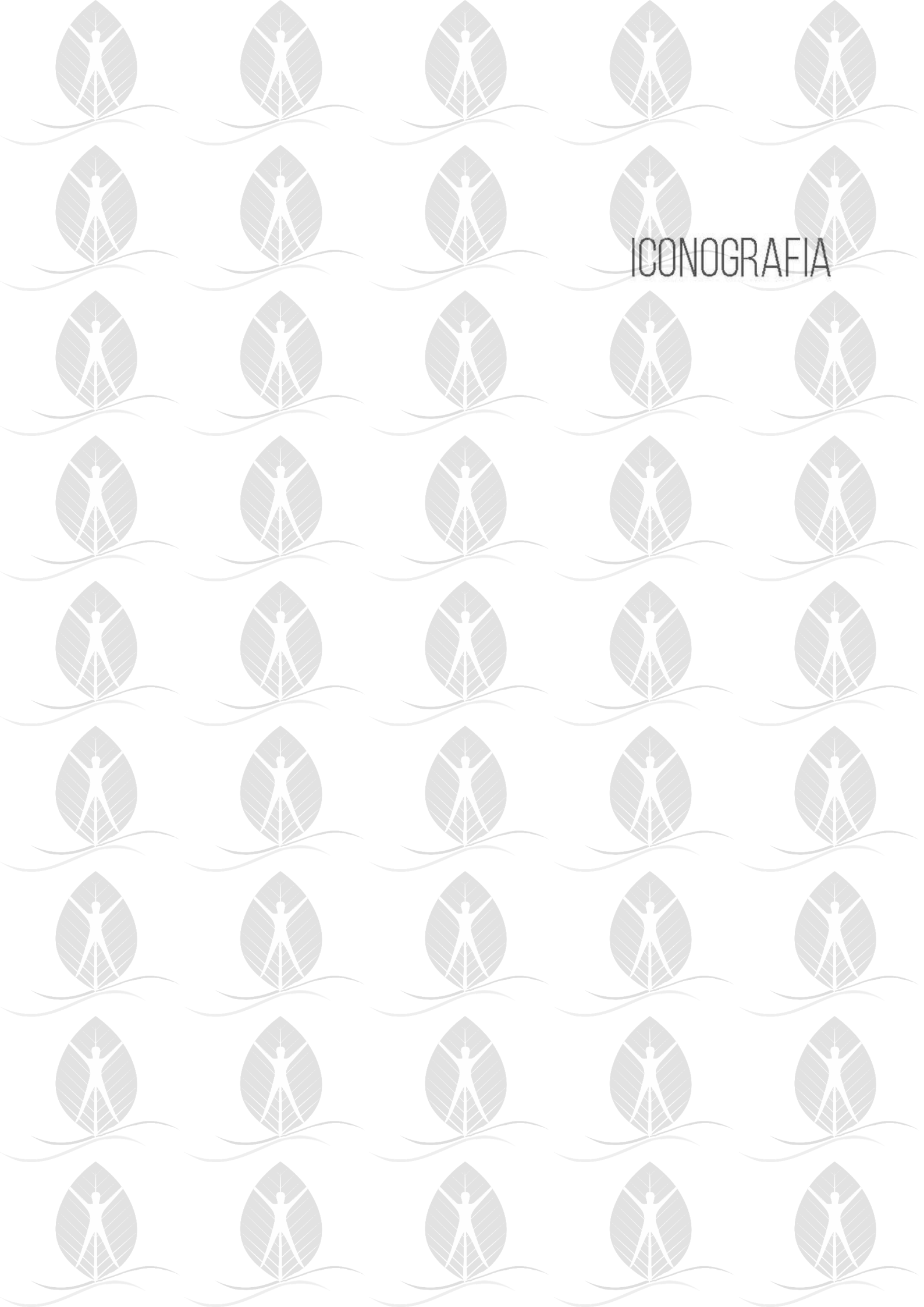
Nem sempre essas coisas combinam harmonicamente. Por exemplo, as injustiças sociais denunciadas em vários textos chocam-se com a ideia de que um espírito criador organiza o universo. Outro exemplo, a felicidade amorosa de alguns textos se bate contra a ideia do infeliz e desadaptado poeta que aparece em outros textos. Tais contradições nascem da mistura um pouco incontrolada que atravessa todo o livro.

AUTENTICIDADE

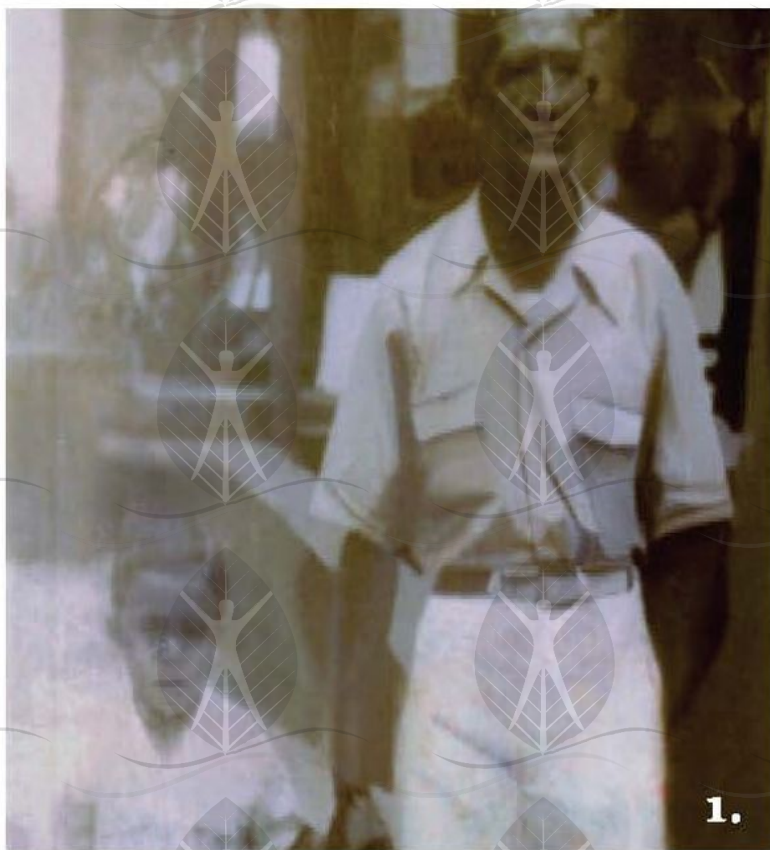
Apesar de tantos problemas, algo sobressai nesse livro: a dor do sujeito lírico. Seu sofrimento e sua incompatibilidade com o mundo parecem, de fato, autênticos, como ele advertiu no Proêmio. Em alguns instantes, consegue mesmo con-



quistar o leitor. É possível se tornar solidário com alguém que tanto sofre e que vê o mundo desenrolando-se numa história absurda, trágica e corrupta, como em suas *Visões*. Ainda que o moralismo do poeta possa ter envelhecido, é possível como-vermo-nos com essa dor que revela sincera honestidade.

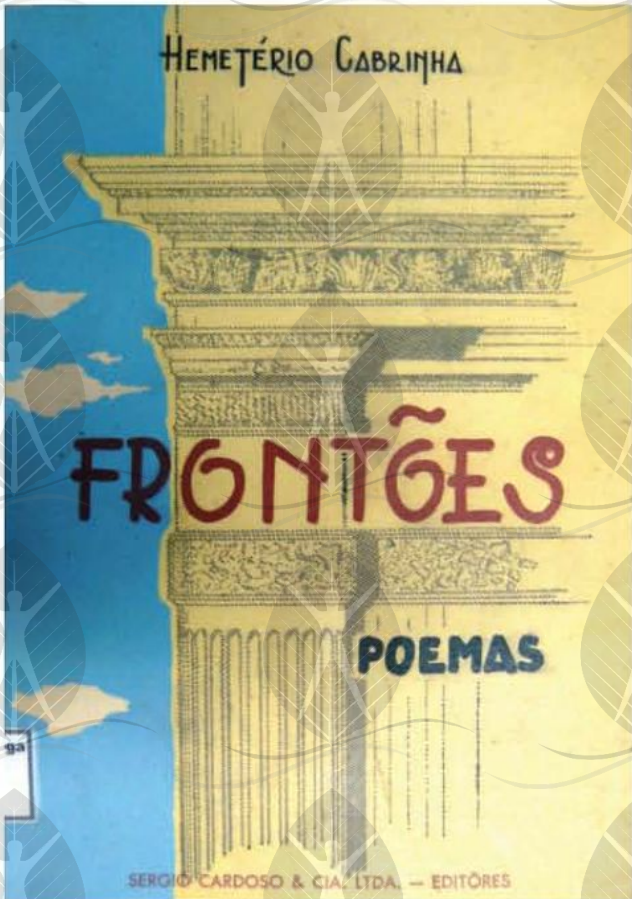


ICONOGRAFIA



HEMITÉRIO CABRINHA, em três momentos.

1. Com oneto Max Carphentier; 2. No lançamento do livro *Frontões*;
3. Revista *Redonpção* 1925.



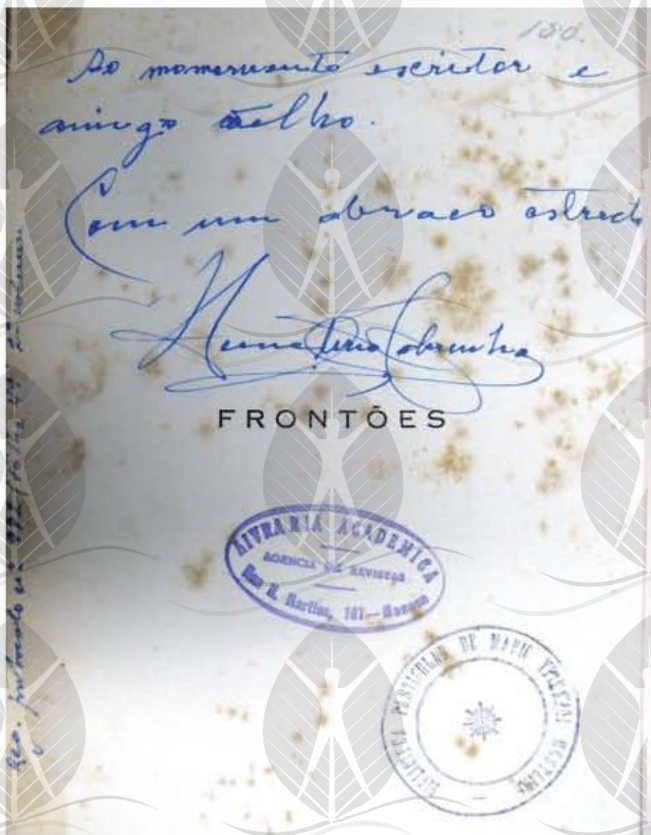
Hoje, Apresentação
 de "Frontões" de Hemetério Cabrinha
 HOJE NA LIVRARIA ACADÊMICA O LANÇAMENTO
 DA NOVA OBRA LITERÁRIA — FALARÁ O DES.
 ANDRÉ ARAÚJO

Comentei venho divulgando a poesia e demais realidades dessa cidade, do mesmo modo que (Continua na 1ª pág. - letra F)

VENHA A REDE RO
 Em Inspeção Para Con
 E. F.)
 RICO / (Aspirante) — A
 Direção Financieira da Rede

CONV
 Os Editores SERGI
 LTDA têm a satisfação
 da Academia Amazonel
 Madrugada e demais so
 assim, jornalistas, poeta
 geral para assistirem o

FRON
 de autoria do poeta HEM
 se realizará hoje, 9 de m
 ria Acadêmica, sita na r
 Para a apresentação
 Editores, o consagrado
 ANDRÉ VIDAL DE AR



Capa do livro e dedicatória a um amigo. Divulgação em normal da cidade.

Hemetério Cabrinha Não Deve Ser Esquecido

O poeta é por natureza um ser despreendido de preocupações materiais e via de regra quem se preocupa tanto em pôr um pouco de ventura na vida de semelhantes, através de sua obra poética, quando chega a adversidade sua companheira é a miséria e o sofrimento. Quem não conhece ou ouviu falar durante anos e anos do poeta Hemetério Cabrinha, um operário que através do estudo e da dedicação ao seu semelhante fez um nome aureolado de simpatia, tendo por diversas vezes a oportunidade de conseguir segurança e conforto na vida, mas que sempre olhou mais aos outros do que a si próprio. Agora Hemetério Cabrinha atravessa a fase mais crítica de sua vida. Doente, sem recursos, nem os seus livros mais pode escrever. Não é justo que agora a sociedade a quem serviu tantos anos, se movimente e procure amenizar um pouco o seu infortúnio? Este convite faz A CRÍTICA aos seus leitores, aos seus amigos, a todos os homens de bem de Manaus, para que neste Natal não esqueçam um poeta que sempre foi amigo da terra, das crianças, dos pobres, dos sofredores. Faremos chegar às suas mãos qualquer ajuda que lhe for destinada.

Humil e Operário o Autor de "Frontões"



As Grandes Emoções. Poeta e Romancista — Mora Sozinho em Companhia dos Livros
(Texto na 5.ª Pág.)

A Crítica, data



DEPOIMENTOS

JOÃO NOGUEIRA DA MATA,
da Academia Amazonense de Letras

Carregado nos braços do povo, por entre vivas demonstrações de apreço, assim surgiu Hemetério Cabrinha em Manaus, por ocasião do movimento revolucionário de 1924. Naquelas gigantescas concentrações para as quais não havia programas esquematizados, nem oradores escolhidos. Concentrações que perduravam até de madrugada, na mais intensa vibração coletiva.

Da improvisada equipe de oradores, vindo a público ao calor das ovações prolongadas, o quase desconhecido operário se tornara de momento para outro a figura diante da qual o povo atingia o clímax do entusiasmo. Fala, Cabrinha! Fala, Cabrinha! – era o grito uníssono que explodia de milhares de bocas, a traduzir o exato sentido da rebeldia de Alberto Dubois, Magalhães Barata e Ribeiro Júnior.

ARISTÓFANO ANTONY
da Academia Amazonense de Letras

Quem o visse de perto ou à distância, não podia considerá-lo um espírito eleito das Musas. Tez bronzeada, mãos calosas, descuidado sempre na indumentária, cabeleira exposta à ardência do sol e às intempéries, ora sobraçando um livro ou carregando a plaina e o serrote, Hemetério Cabrinha era um indiferente dentro da indiferença contagiante das turbas.

Mas, quando os movimentos cívicos-patrióticos o levavam à tribuna popular, as massas humanas fremiam diante de sua palavra fácil, eloquente e vibrante. E se transmudava, nele se confundindo o poeta e o orador. Nesses momentos, que

foram culminantes em sua vida, ninguém o julgava um operário, mortificado pelo trabalho diário nas oficinas onde, plainando e ajustando madeiras para a feitura das mais variadas peças mobilihaves, conquistava o pão de cada dia para a companhia dedicada e os filhos de seu lar pobre e feliz. Nas minhas andanças pelo Brasil, não encontrei nunca um tribuno que a ele se comparasse, pela fluência das palavras, que lhe saiam em borbotões.

ARTHUR ENGRÁCIO,
escritor e jornalista

Ao falarmos de Hemetério Cabrinha, vêm-nos logo à memória os seus três excelentes poemas “Satã”, “Caim” e “Cristo no Corcovado”, que integram o seu livro *Frontões* e dos quais destacamos o último por ter muito de obra-prima, quer pela feição meramente formalística, quer pela profundidade de pensamento com que o poeta nos mostra a nudez de uma verdade, há muito envolta no manto da mais hipócrita fantasia.

O soneto é a forma preferida do poeta. Em quase uma centena deles, constante do volume, vamos encontrar uma verdadeira afirmação do seu talento e da sua capacidade criadora, transubstanciados em versos magnificamente urdidos. Sem escolher temas, ele canta tudo: a alegria, o amor, a tristeza, a saudade, o sonho etc. No entanto, é na dor onde a sua alma, como harpa eólia, vibra melhor, expande-se com maior desenvoltura. Não há uma linha poética precisa à qual possamos enquadrar, com exatidão, a obra de Hemetério Cabrinha. Sua inspiração é multifária, indo de B. Lopes a Castro Alves.

MAX CARPHENTIER, ESCRITOR E POETA,
da Academia Amazonense de Letras

Meu avô. Um homem trabalhador e tranquilo. Espírito dedicado à causa cristã. Pregava a espiritualidade e o amor ao próximo. Um orador que lutava pelos anseios do povo. Tive oportunidade de vê-lo antes de morrer. Só lamento não ter tido a oportunidade de conviver com ele.

ANÍSIO MELLO, POETA, ESCRITOR E ARTISTA PLÁSTICO,
do Clube da Madrugada e da Academia Amazonense de Letras

Conheci-o através de meu pai, Octaviano Mello. Eu morava na rua Monsenhor Coutinho que dava fundos para a casa dele na Comendador Alexandre Amorim. Com 12 anos, eu furava um buraco na cerca e ia conversar com ele. Atenciosamente, Hemetério mostrava os poemas que tinha feito. Então nasceu uma grande amizade. Conheci, ainda, seus filhos e netos. Era um grande homem. Um autodidata incomparável.

OYAMA ITUASSÚ, DESEMBARGADOR,
da Academia Amazonense de Letras
(Memórias do meu tempo. Manaus, 1998)

Hemetério Cabrinha, sapateiro, morava em uma estância perto de nossa casa, ao lado da residência do doutor Miranda Simões, era grande orador popular e poeta de respeito. Recordo um fato ocorrido em 1930, quando vitoriosa a revolução de outubro desse ano, por Getúlio Vargas e que destituiu Washington Luís da presidência da República. Altas horas da noite a

população entusiasmada foi buscá-lo em casa, para fazê-lo falar pela vitória. Hemetério subiu em um caixote, na porta da estância e produziu uma peça oratória do melhor quilate, das melhores que ouvira, sendo aplaudido e carregado nos ombros pela população frenética.

ÁLVARO MAIA, POETA E PROSADOR,
da Academia Amazonense de Letras

Labutando na sua oficina, Hemetério Cabrinha inscreveu-se vitoriosamente entre os maiores autores e maiores poetas da Amazônia. Traduz arabescos em carpintaria e oferta ao povo as tábuas do Verso, não entre relâmpagos e raios, como nas Tábuas da Lei, mas em vibrações e em música, desencadeadas pela sua sensibilidade, entre as forças telúricas do meio encantado em que vive.

ASSIS BRASIL, ORGANIZADOR DE
A poesia amazonense no século XX

Trabalhando como carpinteiro, em Manaus, escrevendo seus poemas e colaborando em revistas e jornais da terra e do Rio de Janeiro (O Malho), Hemetério Cabrinha, para quem não amaciou os bancos escolares, domina a linguagem poética de sua época – na perspectiva da tradição – como poucos poetas eruditos e enfronhados com a linguagem.

A REDESCOBERTA

Poeta, carpinteiro, líder sindical, negro discriminado

Ângela Garcia

Cultura em dia, *Em Tempo*, 8 de janeiro de 1992

A ideia de homenagear o centenário do nascimento de Hemetério Cabrinha é do escritor João Crisóstomo de Oliveira, membro do Conselho Estadual de Cultura. Ele fez esta proposta em uma das reuniões do colegiado, no final do ano passado, em dezembro. Por ironia do destino, Crisóstomo é o atual vice-presidente da Academia Amazonense de Letras, a mesma que recusou o ingresso de Hemetério.

No mês de seu aniversário, março, quando completaria 100 anos, além da publicação do livro biográfico de Anísio Mello, o Conselho espera poder render outras homenagens a este que foi um dos maiores poetas amazonenses e que soube, como poucos, retratar criticamente seu tempo.

É o professor Crisóstomo quem alinhava os dados principais da biografia de Cabrinha: Hemetério Cabrinha nasceu no dia 3 de março de 1892 e faleceu no dia 12 de fevereiro de 1959.

O sobrenome “Cabrinha” foi incorporado na infância e depois usado para assinatura jornalística e das suas poesias. Foi colaborador de *O Malho* (RJ). No Ceará, de onde era natural, teve como propriedade a revista “Constelação”.

Entre os grêmios fundados por ele, além do Clube da Madrugada, consta a Academia Amazonense dos Novos - uma forma de contrapor-se à Academia Amazonense de Letras, que o rejeitava.

Ao morrer, deixou inéditas as seguintes obras: *Há os espíritos?*, questionamento espiritualista na linha religiosa; *Reinauguração*, drama em três atos. Além disso, ficaram [inéditos] um romance completo, ainda sem título, e outro, no 5º capítulo.

ALENCAR E SILVA

Quadros da Moderna Poesia Amazonense

Manaus: Editora Valer, 2011, pp. 17-18

Dir-se-ia, então, que não havia bons poetas em Manaus?

Havia-os, sem dúvida, e, alguns, mesmo, muito bons, como Hemetério Cabrinha, Américo Antony e Álvaro Maia, para mencionarmos apenas aqueles para os quais a arte poética não era um mero exercício de diletantes, mas, sim, o sopro vital que os acompanharia por toda a vida. Conheci-os bem e de perto e fui amigo dos três. Em verdade, só o dom da poesia fazia-se-lhes traço comum, a par do talento que os distinguia e os nobilitava. No mais, pessoas em tudo e por tudo diferentes entre si.

Hemetério Cabrinha (1892-1959), o poeta de *Vereda Iluminada* e *Frontões*, publicados respectivamente em 1932 e 1959, era carpinteiro de profissão. E notável orador. Reunimo-nos várias vezes no café “Leão de Ouro” e no bar “Avenida” para falar de poetas e poesia. Eu gostava de ouvi-lo. E foi em sua própria voz, um pouco rouca, mas bem em postada, que ouvi poemas inteiros do seu primeiro livro, bem como trechos dos poemas, editados em plaquetes, *Satã*, *Caim* e *O Cristo do Corcovado*.

Certo dia, em 1951 ou 1953, indo eu ao Palácio Rio Negro, encontrei o poeta, já chegando à casa dos sessenta, a envernizar as escadarias internas da sede governamental, e ele, sorridente e orgulhoso do seu trabalho, a exhibir-me as fortes mãos de operário manchadas de verniz: “Poeta, as águias voam alto, porém, para pousar nos altos píncaros, é preciso que tenham garras fortes!” Achei linda a tirada do mestre Hemetério Cabrinha. (...)

Vê-se, assim, que dos três poetas apenas Hemetério Cabrinha editou regularmente os seus livros, à medida que os escrevia. Foi, também, dos três, o único a não fazer parte da Academia, ainda que méritos lhe sobejassem.

WALDEMAR BATISTA DE SALES

O Jornal. Manaus, 22 de fevereiro de 1959

O PINTOR E O POETA

A semana última a morte andou fazendo a ronda sinistra, nesta cidade. Pessoas amigas desapareceram entre elas o pintor e o poeta. Refiro-me ao conhecidíssimo Branco e Silva e ao inesquecível Hemetério Cabrinha. A sombra da morte os colheu, no mesmo dia, parecendo assim encontro marcado. De Branco Silva tenho recordações e magnífico quadro, que me presenteou, uma paisagem amazônica de sua concepção artística.

O outro era poeta: Hemetério Cabrinha. Poeta e orador fluente. Conheci esse eleito das musas ainda no esplendor de sua vida, arrancando aplausos nas comunicações do dia 1º de maio, na Casa do Trabalhador, pois, além de poeta, sentia os anseios populares e pugnava pela justiça social, em arraneadas magníficas e floreios de linguagem. Seu último livro intitulado “Frontões” espelha, de modo sincero, sua indizível sensibilidade. Parece-nos, mesmo, que previa o trágico desenlace. Vejamos o soneto.

ANGÚSTIA

Quanto tenho sofrido ultimamente!
Como este mundo me tem sido avesso!
E por mais que me torne indiferente
Ao sofrimento, é quanto mais padeço.

Dores sem conta, sei bem as mereço
Mas assim é de mais! Ter sempre à frente
Escraboso Calvário onde tropeço.
Abrindo na alma uma cratera ardente!

Não terá fim acaso, o sofrimento?
Esta angústia, esta magoa, este tormento
Que desde criança me torturam tanto?

E a grande dor nesta infelicidade.
E não poder chorar na minha idade
Porque meus olhos já não têm mais pranto

Estou escrevendo estas palavras sem outro sentido que o de demonstrar minha tristeza e minha saudade. As amizades precisam ser cultivadas e vividas. Digo simplesmente, que desapareceram do nosso convívio o poeta e o pintor. Outros poderão dizer melhor. Deixaram, para sempre, a Amazônia e suas paisagens. Deixaram ainda as belezas do mundo, que lhes fascinaram o espírito.

JOSÉ DOS SANTOS LINS

Seleção Literária do Amazonas, 1966.

Na interpretação de alguns poetas amazonenses, Heme-tério Cabrinha foi um dos maiores expoentes da poesia que a nossa terra conheceu. Faleceu, como um homem humilde, mas cheio de esperanças, a 12 de fevereiro de 1959.

CARLOS ROQUE

Antologia da Cultura Amazônica, v.1, poesias.

Hemetério José dos Santos, que literariamente usou o sobrenome de Cabrinha, natural de Fortaleza, onde nasceu em 3 de março de 1892; faleceu humildemente em 12 de fevereiro de 1959. Sua vivência literária foi toda no Amazonas. Deixou as seguintes obras: *Satã* (poemeto), Manaus, 1922; *Vereda Iluminada* (poesias), Manaus, 1932; *O Cristo do Corcovado* (poema); 1952; *Frontões* (poemas) e *Caim* (poemeto).

FALANDO A MEU COVEIRO

É aqui neste lugar, ao pé deste cipreste,
junto a este mausoléu. Pega uma enxada, cava
sete palmas de chão! Anda depressa, grava
no teu semblante mudo o riso que escondeste!

Abre o meu leito eterno... O meu lugar é este!
Quero nele abafar minha paixão escrava!
Quero enterrar-me logo... a vida já me agrava...
Depressa! A minha dor de dores se reveste!

Alarga-a mais um pouco, afasta mais a areia!
Ela, assim como está, torna-se muito feia,
profunda-a mais... Trabalha! Este dinheiro é teu!

Que é isso? Um crânio aí? Dá-mo, quero beijá-lo.
Limpa-lhe bem o pó! Dá cá, quero estudá-lo
Como alguém algum dia há de estudar o meu!

(in *Vereda iluminada*)

CORREIO DO NORTE (quinzenário publicado por Anísio Mello)
São Paulo - 2ª quinzena - agosto de 1959.

SER NÃO SER

Homem! Queres subir? Desce primeiro ao fundo
Oculto do teu ser! Ausculta, sonda, observa
Todas as cousas reais ou vãs, - essa caterra
Feita com o mesmo pó, com que é feito o Mundo.

Desce! Desce e verás nesse antro nu, profundo,
Tudo quanto em ti mesmo a vida oscula e enerva;
Desde o claro cristal à ameba que conserva
O princípio do qual és o fim oriundo.

Depois... descança e te abre aos teus próprios sentidos,
Para sentirés bem em teu "EU" embebidos
Os duendes do instinto em turbilhão maldito.

Domina-os! e depois em teu isolamento
Pensa que apenas és, em teu rude elemento
Um átomo de pó perdido no infinito.

O Cristo do Corcovado

No escalavrado píncaro da serra,
Que o luar alveja e a luz do sol estanha;
E onde a cidade, abençoando a terra,
Se espreguiça na falda da montanha;
Ergue-se o Cristo-Redentor, coitado!
Braços ao ar, o triste olhar cravado

Na base de granito que o suporta
De alma apagada e a consciência morta.

O Cristo cujo busto alvinitente,
Granítico, imponente
E lavado de sol;
Aureolando de alvura o Corcovado,
Qual Prometeu, virado
Para o horizonte, a medir o arrebol;

E, de distância imensurável, visto
Qual uma forma etérea
É apenas um Cristo
Feito à custa de angústias e miséria.

Se o Cristo real, na sua pura essência,
Inebriado de amor e de demência,
Dos céus viesse e visse a sua imagem
Naquela pétrea e estúpida roupagem!

– Monstrengo exposto
Ao sol, à chuva, à neve, á ventania,
Tendo a seus pés um povo em agonia;
Em seu cândido rosto
De Santo deixaria

Mil lágrimas de fel correrem doloridas,
E de olhos para os céus,
E de mãos estendidas
Para Deus,

Numa exortante súplica sem fim,
A Escribas e Fariseus,
Calmo e sereno, falaria assim:

– Quando vim entre vós, há quase dois mil anos,
Sem ter onde pousar a fronte iluminada;

Saturando de amor os corações humanos
E chamando ao redil a ovelha tresmalhada;
Ninguém me compreendeu, ninguém quis escutar-me,
E numa sanha hostil, num tresloucado alarme
Levaram-me ao Calvário... Em horrídeos baldões,
Deram-me, após magoar-me, a morte entre ladrões.

Só porque muito amei os pobres sem mansarda
Que a maldade feral do mundo os acobarda
E lança á execração Em minha singeleza,
Prometi-lhes o céu em troca da pobreza;
Elevando-lhes a alma aos páramos divinos;
Ao meu seio chamando os vis, os pequeninos,
Os que vivem na terra amarguradamente
Atirados ao léu, num desprezo inclemente,
Sob o azorrague atroz dos maus, dos impudicos
Que pensam Deus haver apenas para os ricos.

Para levar a luz da fé por toda a parte,
E fazer drapejar meu celeste estandarte,
A quem fui eu buscar com infinito amor?
A uma mulher perdida e um simples pescador.

À perdida - Magdala - abri meu coração
E a minha alma ofertei ao pescador Simão

Simão, que sem burel, cetro, trono ou tiara,
Iletrado e plebeu, de amor se iluminara
Por mim, na terra foi da caridade o exemplo;
Numa velha palhoça erigiu o meu templo,
Pondo, nele, em lugar de altares e esplendores,
Catres, para acolher humildes sofredores...


A moeda que caía em seu fardel de esmola,
Com a bondade dos céus que os santos aureola,
Era qual grão de trigo ao bom pão levedado,
Para matar a fome e a dor do desgraçado.
Foi assim que pedi nas horas de agonia;
Foi assim que ensinei, era assim que eu queria
Que se fizesse sempre em meu nome. Entretanto,
Dois séculos depois, meu Evangelho Santo
Sumia-se no vácuo dos baixos egoísmos.

E, cavando entre mim e a nova fé abismos,
Os servos da ambição, numa luta assassina,
Mancharam a pureza excelsa da Doutrina;
Perseguindo, matando e roubando em meu nome,
Levaram meus fiéis á cremalheira, à fome.
Dando aos que muito amei a cicuta, o falerno,
E em negra “Inquisição” o imaginado inferno...

E para impressionar, abismar, deslumbrar,
Ergueram em cada canto um palácio e um altar
Fulgentes de europeis e fina pedraria,
Enquanto os bons cristãos sucumbem de agonia.
Ergueram, para quê, no alto do Corcovado
Minha estátua? - se em torno há tanto desgraçado
Que se pede em meu nome a paz para aflição,
Em meu nome recebe, em troca, a maldição?
Para que o esplendor de régio monumento
Se de dor me perturba o humano sofrimento?

Não vos disse a vibrar em meu amor fecundo,
Que meu reino imortal não era deste mundo?

Das arcas arrancai o tesouro guardado
E ide! Ide buscar a todo o desgraçado,



Que é filho de meu Pai e também nosso irmão,
Dando-lhe o pão do corpo, a paz do coração,
A luz da consciência! ... E onde ouvirdes um ai,
Com desmedido amor do infortúnio arrancai
Essa alma a se estorcer nos desesperos seus,
E em memória de mim, erguei-a para Deus!

E manso, humilde e bom; cheio de amor e luz,
Era assim que diria o angélico JESUS.

(O Cristo do Corcovado/1952)

BIBLIOGRAFIA

- ANTONY, Aristófano. *Sombras e Reflexos*. Rio: Ebrasa, 1968.
- BRASIL, Assis. *A poesia amazonense no século XX* (antologia). Rio: Imago, 1999.
- CABRINHA, Hemetério. *Satã*, poemeto. Manaus: Palais Royal, 1922.
- _____. *Vereda iluminada*. Manaus, 1932.
- _____. *O Cristo do Corcovado*. Manaus, 1952.
- _____. *Frontões*. Manaus, 1958.
- _____. *Frontões* (poesias), 2ª ed. rev. Manaus: EDUA, 1997
- CORREIO DO NORTE, jornal quinzenal. São Paulo: junho/1959; março/1963; janeiro/1963.
- ENGRACIO, Arthur. *Poetas e prosadores contemporâneos do Amazonas*. Manaus: Editora da UA, 1994.
- LINS, José dos Santos. *Seleção Literária do Amazonas*. Manaus: Edições do Governo, 1966.
- MATA, João Nogueira da. *Flagrantes da Amazônia*. Manaus: Gráfica Rex, 1960.
- MELLO, Anísio. *Lira Amazônica* (antologia). São Paulo: Correio do Norte, 1965.
- ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*, v.1, poesias. Belém: Amada Ed. Culturais Ltda., 1970.
- Jornal Em Tempo.
Recortes de jornais diversos.



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM MANAUS,
NA GRÁFICA ZILÓ EM JUNHO DE 2014. O
PROJETO GRÁFICO – MIOLO E CAPA – FOI
FEITO PELA **GRÁFICA ZILÓ**.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA